

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis



aos doentes, que eram em pequeno número, e a bênção geral a todo o povo.

Ao Evangelho prègou o rev. sr. P.º Augusto de Sousa Maia, secretário particular de sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria, sòbre a devoção às bemditas almas do Purgatório.

A *Schola Cantorum* da freguesia de S. Vicente de Fora,

A PEREGRINAÇÃO de Novembro, 13

Principiou no dia 13 de Novembro último o ciclo das peregrinações correspondentes aos meses em que Nossa Senhora não apareceu aos pastorinhos e que, a-pesar-de serem assinaladas por menor afluência de fiéis, oferecem um espectáculo de extraordinária piedade e fervor e de profundo recolhimento.

O céu esteve sempre nublado, mas não choveu, e a temperatura era aprazível.

No dia 12, à tarde, chegou à Cova da Iria Mons. Francisco Esteves, pároco da freguesia de S. Vicente de Fora, de Lisboa, que conduziu aos pés da Santíssima Virgem um grupo de paroquianos seus.

Fizeram a jornada em camioneta privativa do Patronato daquela freguesia.

Este núcleo de peregrinos promoveu, cêrca das 21 horas e meia, a procissão das velas, a que se associaram os outros peregrinos presentes e que resultou bela e edificante, para o que contribuíram a devoção dos que nela tomaram parte e a amenidade do tempo.

A procissão sucederam duas horas de adoração colectiva do Santíssimo Sacramento que terminaram com a bênção dada pelo Director da peregrinação.

No dia 13, às 9 horas e meia, Mons. Esteves celebrou a Santa Missa e administrou a Sagrada Comunhão ao seu grupo na Capela do Hospital, tendo sido êsses actos acompanhados a harmonio e canto pela *Schola Cantorum* da freguesia de S. Vicente de Fora.

As 13 horas, a multidão dos fiéis rezou o tço do Rosário, junto da capela das aparições. Oficiou, como de costume, o rev. dr. Marques dos Santos.

Depois efectuou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora a qual percorreu o itinerário usual em direcção ao altar exterior da igreja da Penitencia-ria.

Celebrou a Missa oficial o rev. dr. Galamba de Oliveira que, no fim deu com o Santíssimo Sacramento a bênção individual

sob a proficiente direcção de Mons. Francisco Esteves, cantou os *Kiries, Glória, Credo, Sanctus e Agnus Dei* e, depois, durante a exposição do Santíssimo Sacramento, o *Salutaris* e o *Tantum Ergo*.

Dada a última bênção, efectuaram-se, na forma do costume, a última procissão e a cerimónia do Adeus a Nossa Senhora.

Os fiéis que assistiram aos actos religiosos eram bastante numerosos, não tendo sido a concorrência inferior à dos dias 13 mais movimentados da quadra invernos.

Confessaram-se e comungaram muitas centenas de peregrinos, tendo estado os confessionários ocupados durante tóda a manhã.

Visconde de Montelo

NATAL

Regorgita Belém de forasteiros vindos de vários lados para darem o seu nome no grande recenseamento da população ordenado pelo Imperador de Roma. Os mais ricos têm tódas as comodidades. Os remediados ficam em casas mais pobres mas a S. José e Maria sua Santíssima Espósa tódas as portas se fecham, obrigando-os a procurar abrigo numa pequena gruta à saída da cidade onde durante a noite costumavam recolher-se alguns animalzinhos.

Al pela calada da noite nasce o Menino Jesus, o Verbo Divino feito homem por amor das nossas almas.

Reclina-o a Senhora numa manjedoura depois de o enfiar nos paninhos que trouxe de Nazaré e os dois ficam-se a adorar a Deus feito homem.

Uma luz celeste enche o recinto. Uma luz celeste avisa os pastores. Uma luz celeste guia os Magos. Jesus que viera para iluminar todo aquê que vem a êste mundo quer ser anunciado pela luz que vem do alto.

Oh! quem dera que o mundo acolhesse a Luz Eterna!

Acodem pressurosos os pastores a quem o Anjo anuncia que lhes nasceu um Salvador em Belém. Seguem-se os Magos com a triplice oferta de ouro, incenso e mirra a reconhecer e afirmar em Jesus a dignidade de Rei Deus e Homem.

E logo começam a volta do Menino Deus as maquinações do Inferno e seus sequazes. Herodes quer

matá-lo. Para o apanhar manda matar tódas as crianças com menos de dois anos. Avisado em sonhos por um Anjo S. José parte com o Menino e a Mãe para o Egipto onde se demoram sete anos.

Quando nesta festa de Natal voltarmos de novo a beijar com devoção e amor a imagem de Jesus Menino não esqueçamos diante do presépio as lições admiráveis que all nos dá.

Senhor do mundo, nasce pobre para nos lembrar que as riquezas da alma e não os bens materiais merecem o nosso amor.

Descendente de reis nasce numa gruta junto de animais irracionais para nos convidar à prática da humildade.

Infinitamente feliz em si mesmo, incarna, nasce, vive e morre para nos salvar e ensinar assim o valor incalculável da nossa alma e das almas dos nossos irmãos que a todo o custo devemos procurar salvar.

Procuremos imitar as virtudes e seguir os exemplos luminosíssimos que



Fotografia da imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera no Santuário (em construção) de Nossa Senhora da Fátima na Avenida de Dr. Arnaldo, no Sumaré (S. Paulo, Brasil).

dêste humilde recanto do presépio vêm até nós.

O mundo anda perdido de orgulho; enlouquecem-no ódios de morte; a paz retirou-se e os homens êbrios de sangue e de destruição matam-se como feras.

Calaram-se no mundo as vozes angélicas que anunciavam a paz aos homens de boa vontade?

— Oh! não. Como outrora, como sempre Jesus é o Rei Pacifico que quer reinar por amor. Vamos até junto do seu presépio. Adoremolo como a Deus que é.

Sigamos nesta época bemditas as festas da Santa Igreja. Alegremo-nos com a Santa Liturgia e deixemos que o coração se expanda numa alegria intensa e numa esperança forte de dias melhores.

Peçamos à Virgem Santíssima as disposições de alma necessárias para nos abeirarmos de seu Filho e Nosso Senhor; devidamente preparados recebamo-lo com amor na Sagrada Comunhão, procuremos que perseguido e odiado pelo mundo Jesus encontre um abrigo querido na nossa alma.

JARDINEIRAS DE ALMAS...

As leitoras dêste querido jornal a cujos ouvidos não chegaram os ecos da Campanha da Família e os seus ensinamentos cristãos tão oportunos e necessários na hora que passa, são dedicadas estas breves e despretensiosas considerações sòbre o papel da mulher no lar e a sua acção na formação cristã dos filhos.

«O que de mais belo há no mundo criado por Deus são: as flores, a música e as mulheres», li algures. Ora nesta frase escrita com pretensões a galanteio, estava traduzido o conceito mesquinho que muitos formam a respeito da mulher — um objecto de adorno, de distracção e de prazer.

Mas graças ao Senhor, mais altos destinos lhe foram traçados no plano da Criação.

Nas mãos frágeis e delicadas da mulher colocou o Criador uma missão nobre e elevada que tóda a rapariga deve procurar conhecer, compreender e amar.

Quando um apêlo mais alto se não fizer ouvir claramente dentro da sua alma, é no ambiente familiar que a sua actividade se deve expandir, e junto daqueles que lhe estão ligados pelos laços do sangue e do amor que a sua influência benéfica se deve exercer, é para a constituição dum lar cristão que as suas aspirações se devem orientar. Mas tóda a missão supõe e necessita duma prèvia e séria preparação, tanto mais necessária quanto mais delicada e complexa é a tarefa a realizar.

Ora essa preparação, essa formação há-de a rapariga recebê-la, logo de muito pequenina, do coração e dos exemplos duma mãe cumpridora e modelar, há-de bebê-la no manancial fecundo duma piedade sólida, duma vida verdadeiramente cristã, duma vida heróicamente pura.

Vida cristã — E ao catecismo aprendido com seriedade, compreendido e vivido com amor, aos ensinamentos tão belos do Evangelho, à recepção freqüente dos Sacramentos, que a rapariga há-de ir buscar o alimento da sua fé firme e desempoeirada. Ali há-de formar o seu carácter, temperar a sua vontade. Ali há-de ir buscar a força que a torne vencedora em tódas as lutas com o mal, a

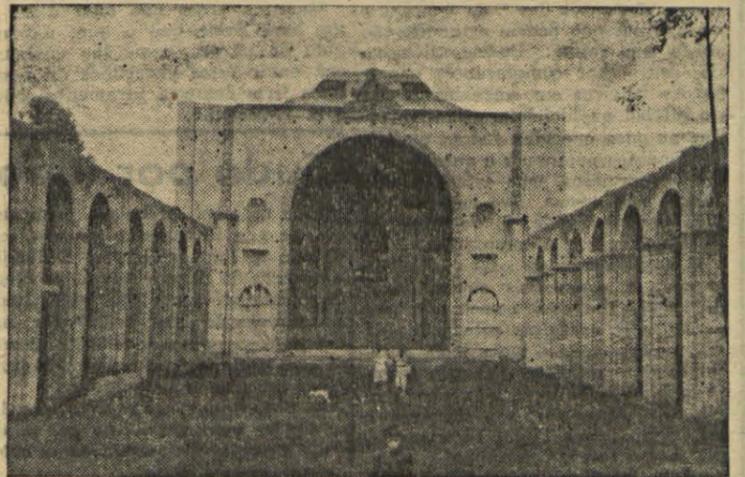
luz para seguir a direito nos caminhos da vida.

A ignorância religiosa é um dos maiores males dos nossos tempos. Muitas raparigas há, baptizadas e que se dizem cristãs, que sabem os nomes dos actores de cinema em voga e que não sabem, na verdade, os mistérios fundamentais da nossa fé. Que a curiosidade feminina, de que tantas vezes se fala, se ocupe no conhecimento mais profundo das verdades cristãs e na conformação da vida com essas mesmas verdades.

Vida pura — Em vista da sua dignidade de cristã e em ordem à sua futura missão, a rapariga deve cultivar, desenvolver e arraigar em si tódas as virtudes próprias do seu estado e duma maneira especial a encantadora virtude da pureza. Guardar zelosamente como o tesouro mais belo e mais precioso, a pureza da alma, do coração e do corpo, deve ser o cuidado constante de tóda rapariga bem formada.

Ainda as bonecas não estão completamente postas de parte, já na imaginação de muitas adolescentes começa a delinear-se vaga e indecisamente a imagem ideal do príncipe encantado que há-de vir um dia a ser o seu noivo, o seu marido. Perante êste facto, porque não levar a adolescente de-então, e que será mulher num breve amanhã, a ter mais amor e mais zelo pela sua virtude, com o pensamento generoso de levar na sua corbelha de noivado, como a mais bela oferta ao companheiro que Deus lhe destina, não só um corpo virgem, mas um coração verdadeiramente puro? Mais ainda. Fazer-lhe sentir e compreender que a pureza, como espelho cristalino que reflecte ao longe o sol, há-de reflectir-se em tóda a sua vida e até nos próprios filhos que um dia vierem povoar o seu lar.

Ouvi uma vez uma jovem mãe afirmar com sincero calor o desejo ardente que tinha de ser boa e virtuosa para poder um dia dar-se como exemplo a um afilhinho que tinha, para não ter de cobrar mais tarde diante da sua inocência. Por que não hão-de pensar semelhantemente as raparigas ainda em solteiras por amor dos filhinhos que porventura um dia Deus lhes queira confiar?



A Capela-Mor e corpo da igreja (em construção) de Nossa Senhora da Fátima de Sumaré. A primeira pedra foi da Cova da Iria

A incoerência de certos católicos...

A incoerência de certos católicos... Mas quem há aí que não seja incoerente, que não possa ser acusado de acreditar uma coisa e na prática fazer outra completamente diferente e oposta? — Só os santos harmonizam a vida com as suas crenças, só os santos vivem verdadeiramente a sua fé.

— Sim, é verdade. Se quisermos medir as coisas com este rigor, é assim mesmo. Mas isso explica-se: somos homens, e tanto basta para sermos fracos e pecadores.

Não se trata, porém, disso, hoje aqui. Com a epigrafe supra queremo apenas focar as atitudes contraditórias de certos católicos que prontos para tudo o que o mundo lhes pede, se negam com mil e um pretextos ao que lhes manda a S. Igreja.

Alguns casos, à guisa de exemplos.

1.º Ouvir Missa inteira aos domingos e festas de preceito...

Um domingo de verão, numa estância termal do País. São 8 horas da manhã. O sol vai alto, aquecendo a terra e alumando as criaturas. A sineta duma capela próxima toca, convidando os fiéis para o S. sacrifício. Num quarto do hotel, um casal de católicos elegantes que no casino da terra dançara toda a noite, acorda sobressaltado.

— O que é aquilo, pergunta a mulher, imprimindo à voz um tom adontado.

— É o sino a tocar para a Missa E domingo.

— Ah! é verdade. Olha, eu estou um bocado incomodada, dai-me a garganta, tenho medo da fresquidão da manhã, não vou...

— Está bem, não vamos. E não foram!

A tarde, havia, numa praia distante, grande parada de elegância, com bailes e outros divertimentos esnascosos a que o elegante e católico casal não podia faltar. Automóvel emprestá-lo-ia o pai da mundana esposa.

E foram-lhe pedir.

Resposta desse pai que apesar de não ser católico, primava no entanto pelo bom-senso:

— Quem está doente para não ir à missa, às 8 horas da manhã, certamente não há-de estar capaz de ir, para o casino duma terra distante, dançar até altas horas da madrugada.

E não lhes emprestou o automóvel.

3.º Comungar pela Páscoa da Ressurreição

As mããs são sempre muito solícitas e cuidadosas com a saúde dos seus meninos. O pior é que muitas exageram assustadoramente as coisas. E assim é que chegamos às vezes a presenciar estes esquisitíssimos casos: mããs que proíbem os filhos de tomar parte em comunhões colectivas da Juventude porque nunca são antes das 8 ou 9 horas e os meninos não podem estar até tão tarde em jejum. Podem, debaixo do seu olhar complacente, passar tardes inteiras em correrias louças de futebol ou bicicleta, esbanjar tãdas as suas energias físicas em divertimentos nocturnos e quantas vezes pecaminosos, mas estar até tão tarde, sem comer, isso era um perigo para a saúde. E daí toca de os não deixar ir à comunhão...

O que vale é que os rapazes são rapazes e como tais sabem fazer das suas. Um conhecemos nós, que para iludir as falsas solícitudes da mãã mandou pôr a mesa para a refeição da manhã, e deitando o café pela janela fora, e metendo o pão nos bolsos fingiu-se almoçado e foi, com os seus 17 ou 18 anos, fazer a Primeira Comunhão...

Ainda bem que esta mãã não era nem se dizia católica...

4.º Jejuar e guardar abstinência, quando manda a S.ª Madre Igreja,

Jejuar, comer a fartar uma só vez ao dia... impossível! O trabalho é tanto... as ocupações da vida tão prementes e esgotantes, a saúde tão fraca... impossível!

Bastaria ser uma ordem da Igreja para logo assim se falar.

Mas agora vem S. Majestade a Moda. Arbitra das elegâncias, ela marca, com o seu despotismo, que para ser *chic* é necessário ser-se magra e esguia. E então, para se ter elegância, para se obedecer às exigências da moda que amanhã não será moda, passa-se a comer muito pouco, uma pitadinha de arroz, um bocadinho de pão torrado, deixa-se a sopa, a carne e todos os elementos substanciosos da comida, para não engordar; e a loucura vai muitas vezes até ao extremo de se ingerirem drogas venenosas, vinagre, etc., etc.

E isto já não custa, já não é difícil. Jejuar-se de rosto alegre e ânimo forte...

5.º Contribuir para a manutenção do culto e honesta sustentação do clero.

Mas deixemos lá a alta roda das elegâncias e desçamos agora ao povo das nossas terras.

Na aldeia X, Tício e Berta, primos direitos, namoram-se e querem casar.

Certo dia, os pais de Tício estão em casa dos de Berta a pedir a mão desta para seu filho. O acontecimento provoca «festa». A família da noiva oferece um grande jantar à do noivo. Sentam-se à mesa. Comem bem, e bebem-lhe melhor. Conversam e ponto forçado da conversa é cada um falar daquilo que tem e possui. Naquele dia todos querem ser ricos. Se um tem 5 moios de milho, o outro tem 6 ou 7 de trigo; se este tem tantas mil bicas de resina, aquêlo tem tantas moeduras de azeitona. E daqui uma terra que dá tantos alqueires de pão, é dacolá uma propriedade que leva tantos dias de lavoura.

E um nunca acabar de bens e de riquezas. Nem sei mesmo se Salomão com toda a sua fenomenal fortuna seria tão rico.

Mas o festim acaba e os compadres despendem-se, combinando para o dia seguinte o tratar com o sr. Prior a petição da dispensa do impedimento de consanguinidade. E no dia seguinte, lá estão em casa do sr. Prior com as testemunhas escolhidas a dedo para tal fim, mas (coitados deles) já estão pobres... Pouco ou nada têm... uma insignificância de 4 ou 5 contos apenas... Quem os tivesse ouvido na véspera, diria que a roda traçoira da fortuna desandara para atirar com eles à pobreza e à miséria e chorava comovido tais desandâncias da sorte. Como se aquilo fôsse verdade...

E as testemunhas juram aos santos Evangelhos e o pobre Pároco que muitas vezes conhece bem as coisas, tem que aceitar aquêlo juramento.

Quantas vezes não ouvi dizer a um bom Prior que o que, na sua vida de pároco, mais lhe custava, era ouvir estes chorrilhos de mentiras firmadas com juramento sôbre o S. Evangelho.

Tudo por tudo

Uma rapariga catequista, tendo um dia, de grande crucifixo na mão, explicado a Incarnação e a Redenção a crianças de cinco a sete anos, filhas de operários comunistas que nunca tinham ouvido falar de religião, um dos mais pequenos, que tinha ficado só com a catequista, apontando para Jesus crucificado perguntou:

— Então sempre é certo que esse Senhor morreu também por mim?

— Certíssimo, respondeu a catequista, surpreendida.

— Ah! nesse caso, também eu quero morrer por Ele.

Logo, da primeira vez, esse petiz de cinco anos, foi até ao dom supremo, até ao cimo do amor.

COLUNA APOLOGÉTICA

“O OBSCURANTISMO,”

Há ainda certos retrógrados que pensam (nunca o verificaram... mas ouviram-no... e vão na onda...) que a Igreja fica para trás e atravanca o caminho das novas ideias.

Não! A verdade é que, quando essas «novas ideias» julgam chegar, já a encontram; porque Ela apareceu primeiro. Permanece no seu pósto desde que o Divino Mestre aí a collocou... vai completar 20 séculos!

A diferença é que essas «novas ideias» surgem como as crianças, estouvadas e indecisas, ou como os malfeteiros, ferozes e traçoceiras, fazendo muito barulho e violentando para se imporem. E a Igreja ESTÁ na punção da sua maturidade, com o espírito cintilante e sempre novo, prudente e sábia, maternal e experimentada, «tendo a visão larga da Eternidade como lema e fim».

A Igreja aceita e compreende as novas necessidades de cada época. Ela também tem as suas de ordem espiritual para as quais dá remédio inteligente, de harmonia com o sentido do tempo. O seu dever consiste, porém, em adaptar as novas medidas que vêm prover as recentes necessidades à doutrina do Evangelho, e em concorrer, dentro dos seus limites e atributos, serenamente, para que os direitos de Deus e da Pessoa humana sejam respeitados. Se há luta Ela apazigua sem enfraquecer, orienta sem excitar e, quando o ciclone da revolta se levanta, só Ela pode opôr com eficácia perdurável, a barreira e o abrigo invencíveis dos deveres de humanidade e de Fé.

Passada a tormenta recolhe maternalmente o que ficou de bom e cura as feridas. Se Deus permite certos males é porque deles resultarão incitamentos para o Bem e as lágrimas choradas serão penitência de erros e egoísmos passados...

Não! A Igreja não atravanca o caminho. Numerosos filhos seus foram e são obreiros da primeira plana do progresso, tanto os que renunciaram à vida do século e se recolheram à paz laboriosa e pura dos mosteiros, como os que no mundo vivem. O Bem que o progresso oferece à humanidade a Igreja abençoa-o e utiliza-o na sua actividade, espalhando-o. As manifestações da ciência, das letras e das artes sempre lhe mereceram atenção e desvelos.

A sua preocupação máxima é a felicidade dos povos.

Quando a Paz periga, por exemplo, é ver a Igreja trabalhar denodadamente para a salvar: Ora, prega, envia emissários de concórdia, exerce toda a sua grandiosa influência em prol do apaziguamento entre as nações.

São estes os meios de que dispõe; Ela não pode obrigar os homens pela força bruta, a cumprirem a Lei de Deus e a seguirem os seus ensinamentos.

Ante a crise social, que os falsos apóstolos e os ambiciosos levaram ao rubro nos nossos dias, partiram do alto do Vaticano os apelos e as censuras à consciência dos opressores e dos maus ricos a favor dos oprimidos e mal remunerados. Os falsos salvadores do povo impeliram as massas irresponsáveis à luta e separação de classes com as suas doutrinas de ódio e de vingança.

A voz da Igreja e o seu exemplo denunciaram os abusos, clamaram justiça, apontaram o remédio mas preconizando *fraternal cooperação de esforços*, e os Papas deram conselhos dum alcance social tão completo que chegariam para solucionar todos os problemas, segundo a opinião autorizada e insuspeita de economistas célebres.

Surgem as imortais Encíclicas — a Rerum Novarum em 1891 e a Quadragesimo Anno em 1931.

Bolachas para diabéticos

DIGESTIVA
Óptima, também, para doentes convalescentes e pessoas fracas.
É um produto da Fábrica Confiança.
A VENDA EM TODA A PARTE
QUILO ESC. 24\$00

Guiados e esclarecidos, os Católicos, a-pesar-de rodeados por um ambiente hostil, onde as ideias de violência faziam enorme pressão, agitaram em todo o mundo o magno problema social e alguma coisa de novo e avançado conseguiram, como na Bélgica, na França, etc., já em 1875.

Em França, Alberto de Mun e os seus companheiros, travaram a formidável campanha a favor dos sindicatos profissionais, forçando poderosamente o advento da lei de 1884.

Em 1885 uma proposta de Lei de De Mun, Mgr. Freppel e Keller visava a reprimir os abusos do trabalho de mulheres e de crianças. Em 1886 De Mun e Mgr. Freppel reclamam protecção contra a doença e a velhice, iniciando o movimento dos seguros sociais. Depois, De Mun pede protecção contra os acidentes de trabalho. E sucedem-se as propostas de reforma: (1887 arbitragem e conselho de conciliação; 1889) regulamento do trabalho industrial; (1891) caixa de aposentações; limitação do trabalho feminino; caixa de seguros contra a doença e velhice; protecção contra acidentes, doença e velhice; embargos do vencimento do salário; conselho permanente de conciliação e sôbre o bem de família em 1893-1894; sôbre a capacidade jurídica dos sindicatos em 1895; descanso semanal e protecção às crianças em 1896; aposentação de mineiros e limitação legal das horas de trabalho em 1900. Projectos estes e propaganda em que aparecem sempre os nomes de católicos ilustres como Alberto de Mun, Mgr. Freppel, Le Cour Grandmaison, Padre Lemire, Heller, De Ramel, etc., etc. (Força e Fraqueza do Socialismo).

A União de estudos internacionais de Friburgo agitava e reunia católicos de todo o mundo. Mas as más doutrinas semeavam a desconfiança e o ódio. E o que se vinha fazendo em paz foi prejudicado pela propaganda nociva de agitadores sem-escrúpulos. A luta desencadeou-se, o sangue correu, o ódio fez milhêes de vítimas e enche o mundo de ruínas.

Só onde Cristo reina e a voz da Igreja é ouvida, a revolução é «feita na paz», como em Portugal. Onde O expulsaram e onde O querem banir, a revolução é feita violentamente, na opressão e no terror. Se o fermento cristão leveda o fundamento da constituição política, há prudência e benignidade. Se o fermento é pagão ou ateu os povos são escravizados. Ali avança-se, aqui retrocede-se. Não é a Igreja que fica para trás. São os inimigos de Cristo que recuam vergonhosamente, ao cabo de dois mil anos, e retomam os vêlhos e grosseiros processos do paganismo, atolando-se nas suas baixezas primitivas e no obscurantismo dos bárbaros.

Maria das Flores

Rainha da Paz

Lá ao longe, em terras distantes, ouvem-se gemidos das vítimas esmagadas pela ambição e pela força injusta, ouve-se o clamor de inocentes arrancados desapidadamente ao seu lar, à sua Pátria e à sua Fé. E a guerra na sua hedionda tarefa de destruição e de morte.

Amargurados pela desgraça que abate sôbre os nossos irmãos, deixai, ó Virgem Santíssima, que a nossa alma crente e confiada no Vosso poderoso valimento junto do Senhor dos Exércitos, ajoelhe no recanto bendito da Fátima numa súplica ardente e angustiada, numa prece fervorosa e confiante: — Rainha da Paz, dai-nos a Paz!

Alcançai-nos de Jesus a paz para os corações aflitos e conturbados pelo sofrimento e pela dor, paz para os lares destruídos ou minados pelas discórdias e malquerenças, paz para as

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	1.948.863\$92
Franq., emb. transportes do n.º 206	5.058\$22
Papel, comp. e imp. do n.º 206 (355.354)	16.564\$97
Na Administração	122\$00

Total 1.970.609\$11

Donativos desde 15\$00

João de Jesus — Viseu, 20\$00; Maria Isabel Baptista — Montolito, 20\$; Manuel Inácio — Açores, 20\$00; Ana M. Mendes — Figueira da Foz, 20\$00; Luísa D. Fontes — América, 1 dólar; Guilhermina Constância — Macau, 20\$00; Henrique Mataguês — Inhambane, 50\$00; Irmã Laura — Landana, 100\$00; Elvira Neves Ferreira — Estoril, 25\$00; José Lagoa — Brasil, 30\$00; Vicência Mateus — Elvas, 20\$00; P.º Lucas Machado — Cabo Verde, 100\$00; Mariana Patruci — Covilhã, 50\$00; Palmira Évora — Angústias, 20\$00; Elvira Córte Real — Avanca, 20\$00; José F. Lima — Mascotelos, 20\$00; Ivo Gonçalves — Condeixa, 20\$00; Henrique da Conceição — Bragança, 20\$00; Maria Sebastião — Açores, 20\$00; Maria C. Pessoa — Pombal, 20\$00; Leopoldina Silva Duarte — Maia, 25\$00; Etelvina Machado — Mascotelos, 50\$00; M.º Lourdes Nunes — Açores, 20\$00; José Freitas Lima — Mascotelos, 40\$00.

UMA FÁBRICA DE VENENOS

Tão cheia de ácido úrico que não se podia mover

Se todas as suas articulações estão emperradas pelo ácido úrico, e tem de passar os seus dias estendida numa cadeira, fará tudo quanto estiver ao seu alcance para mudar de situação. Era isto, justamente, o que acontecia a uma mulher que sofria de reumatismo em ambos os joelhos e os tinha tão inchados que pareciam verdadeiros pudins. Não podia levantar-se da sua cadeira sem auxílio e, o subir qualquer degrau, constituía para ela um verdadeiro suplício.

Um dia entrou para um hospital onde lhe fizeram a extracção de todos os dentes, mas nem assim conseguiu qualquer alívio. Resolveu-se a tomar Kruschen com regularidade e hoje, já pode, tanto subir escadas, como ajoelhar-se sempre que quer, sem a mais leve dificuldade.

O reumatismo é uma consequência do excesso de ácido úrico no organismo. Dois dos componentes dos Sais Kruschen têm a propriedade de dissolver os cristais do referido ácido, outros a de auxiliarem a natureza a expellir, pelas vias naturais, os cristais dissolvidos. Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

nações que se degladiam em lutas fratricidas de partidos, paz para o mundo inteiro desorientado por falsas doutrinas, para o mundo sem fé e sem verdadeiro e subido ideal.

A hora é triste e inquietante. Adensam-se à nossa volta nuvens pesadas que prenunciam tempestade, mas, ó Virgem Santíssima, Estrela da Bonança, nós confiamos no Vosso patrocínio que mais uma vez nos não deixará submergir na borrasca. Não é em vão que nós Vos chamamos e aclamamos jubilosamente nobre Padroeira de Portugal, Terra de Santa Maria que quisestes honrar com a Vossa visita. Fátima é um penhor, um testemunho da Vossa especial protecção à nossa querida Pátria.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Graças de N.ª S.ª da Fátima

NO CONTINENTE

D. Maria da Anunciação Cortez — Lisboa, diz o seguinte: — «Não devo deixar passar mais tempo sem vir agradecer a N.ª Senhora da Fátima as graças que se dignou conceder a minha querida mãe, Patrocínia Cortez.

Tendo sido atacada de uma grave doença pulmonar, esteve durante bastantes meses em perigo de vida, tendo até recebido a Extrema-Unção. Durante um ano sofreu constantes aflições de faltas de ar que lhe passaram por completo no dia em que por sua intenção foi celebrada uma Missa na Fátima. As melhoras acentuaram-se depois da sua ida ao Santuário da Cova da Iria. Esteve lá no Hospital e tomou parte na Missa dos doentes. Nada se ressentiu com a doença, e no dia seguinte, ao levantar-se, começou a andar sem qualquer auxílio. Até então só conseguia dar alguns passos com o auxílio de duas bengalas ou amparada por alguém. Melhorou imenso do lado pulmonar, causando a admiração do médico e das pessoas que a têm acompanhado na sua doença. Espero poder, dentro em breve, agradecer a sua cura completa».

D. Maria da Piedade Baptista — S. Domingos — B. Baixa, escreve dizendo o seguinte: — «Havia mais de sete anos que eu sofria horríveis dores. Tinha quasi sempre uma ponta de tosse, hemoptises e uma pronunciada falta de apetite, não podendo alimentar-me porque quasi tudo me fazia mal. Consultei vários médicos, e um deles declarou-me que eu tinha os dois pulmões afectados. Volteti à minha terra natal, e depois de alguns tratamentos senti algumas melhoras. Volteti para Lisboa, e passado pouco tempo recomeçou a tosse e apareceram novamente as hemoptises. Consulteti mais alguns médicos, entre eles o sr. dr. Leite de Faria que me disse ser necessário tirar-se uma radiografia ao estômago para ser operada, e, depois de me poder alimentar bem, tratar então dos pulmões. Eu, porém, que dos 19 aos 27 anos tinha ajudado os meus pais, não queria agora obrigá-los a uma tão grande despesa. Resolvi então recorrer a N.ª Senhora da Fátima prometendo que, se ao fim dum ano pudesse alimentar-me e trabalhar, iria ao seu Santuário render-lhe os meus agradecimentos que tornaria públicos na «Voz da Fátima».

Fui atendida, pois encontro-me regularmente bem. Já cumpri as minhas promessas faltando apenas a publicação, o que hoje venho fazer».

Manifestam a sua gratidão a Nossa Senhora da Fátima:

Domingos Fernandes Carvalho Lopes — S.ª Leocádia de Geraz do Lima, por ter alcançado a sua cura, depois de ter passado 18 meses de cama e já desenganado pelos médicos.

D. Maria do Carmo C. Silva — Lamego, por ter sido atendida nas suas súplicas e libertada de continuas dores no peito motivadas por uma anemia no sangue.

D. Cecília Bastos Martins — Paradelo do Vouga, pela cura de seu filho José Carlos.

D. Maria da Conceição Martins Moreira — Fânzeres — Gondomar, por ter obtido por intercessão de Nossa Senhora a graça de ter leite para amamentar uma sua filha.

D. Beatriz Monteiro — Ólhô Marinho, por uma graça particular.

D. Rosa Joaquina Baptista — Viana do Castelo, pela cura de sua netinha de 22 meses, em grave perigo de vida pela complicação causada pelo sarampo, garrotinho e broncopneumonia que conjuntamente a atacaram.

Silvino Moreira Lopes e sua esposa — Vila Nova de Gaia, pela cura extraordinária de sua filha Laurinda Sobral em grave perigo de vida, no dizer dos médicos, por uma febre tifóide que dela se apoderou.

D. Maria Rosa — Pedreiras, pela

cessação de graves dores que durante muito tempo suportou nos ouvidos. Hoje diz sentir-se completamente curada.

NOS AÇORES

D. Maria Angelina Dias — Biscóitos — Açores, pela cura completa de uma «ostéo-artrite tuberculosa (coxalgia) esquerda» que a tolhia de todo e qualquer movimento no membro afectado.

D. Maria Clotilde da Rosa — Feteira — Açores, pela cura de graves padecimentos intestinais de que sofreu durante bastante tempo.

D. Maria Amélia Goulart — Angústias — Açores, pela cura de uma grave enfermidade de que sofreu um dos seus filhos.

Francoiso Augusto da Rosa — Capelo — Açores, por ter obtido a cura do seu padecimento no estômago. Quasi não podia já alimentar-se de coisa alguma e os médicos aconselhavam-lhe uma operação. Durante uma novena invocou Nossa Senhora da Fátima e bebeu água do Seu Santuário, encontrando-se já há tempos completamente bem.

D. Maria da Conceição — Pico — Açores, por ter recebido, de Nossa Senhora da Fátima a cura de um sofrimento que a atormentava. Obteve a cura por meio de uma novena de Comunhões.

D. Matilde de Lourdes Rebelo — S. Bartolomeu — Açores, pela concessão de uma graça particular que implorara de Nossa Senhora da Fátima.

NA INDIA

(Notas tiradas da *Íolia My Mother* de Allapé)

1) Uma mãe, gravemente doente de arteriosclerose e outras complicações, por duas vezes deitou sangue pelo nariz durante mais de duas horas de cada vez. Tornou-se o seu estado tão grave, a-pesar-da assistência médica, que lhe foram administrados os últimos Sacramentos. Deu-se-lhe então uma gota de água da Fátima e começou-se uma novena à Senhora da Fátima. Já está, graças à intervenção da Senhora, em franca convalescença.

2) Uma criança de 6 meses sofria, havia mais de 3 meses, de diarreia. Vendo que não conseguia melhoras com os cuidados médicos, virámo-nos para Nossa Senhora da Fátima com confiança. A criança está muito melhor.

Para Nossa Senhora da Fátima vão os nossos mais cordiais agradecimentos por esta e outras graças que nos concedeu.

3) Embora tardios, vão os nossos sinceros agradecimentos a Nossa Senhora da Fátima e ao Santíssimo Coração de Jesus por nos terem curado um filhinho de quinze meses. Não podia sentar-se nem andar de gatas, e por isso só deitadinho de costas podia estar. Recorremos a Nossa Senhora da Fátima e ao Santíssimo Coração de Jesus. Depois de usarmos a água miraculosa, Nossa Senhora ouviu a nossa oração e dentro duma semana o pequenino começou a tentar sentar-se e gatinhar; passado um mês já ele podia fazer ambas as coisas; no fim de dois meses já ele podia segurar as coisas e pôr-se de pé. Desejamos que esta grande graça seja conhecida, para que em semelhantes aflições saibam a quem devem recorrer.

Louvada seja Nossa Senhora da Fátima e conhecido, amado e adorado o Coração Santíssimo de Jesus.

4) Aconselhei, diz uma senhora, a uma amiga que tinha um irmão num Sanatório doente dum pulmão, a que recorresse a Nossa Senhora da Fátima e lhe fizesse um voto. Com grande satisfação disse-me aquela senhora depois de algum tempo, que seu irmão tinha já saído do Sanatório, curado.

Agora envio a esmola junta como agradecimento à Santa Mãe de Deus por esta graça e por Ela ter protegido os meus 7 filhos de todos os perigos e se terem conservado cristãos exemplares.

Agora envio a esmola junta como agradecimento à Santa Mãe de Deus por esta graça e por Ela ter protegido os meus 7 filhos de todos os perigos e se terem conservado cristãos exemplares.

Agora envio a esmola junta como agradecimento à Santa Mãe de Deus por esta graça e por Ela ter protegido os meus 7 filhos de todos os perigos e se terem conservado cristãos exemplares.

PALAVRAS MANSAS Amizade perdida

Trato sempre com respeito e veneração as pessoas que estão já para além da minha idade, por mais humildes e desvaliosas que sejam.

Vêm de mais longe, caminham num plano mais alto, sofreram mais do que eu as amarguras e os desenganos da vida... Interesse-me o seu falar, ilumina-me o seu conselho, não posso ouvir com indiferença a lição da sua experiência.

Cabelos brancos, rugas profundas, curvas rígidas, coisas de que a gente moça sorri tanta vez frivolamente, são a expressão definitiva da vida, que, no dobar dos anos, bem depressa atinge aquela fase áspera e melancólica em que se afasta cada vez mais da ilusão da beleza...

Aprendi com os velhos algumas das melhores coisas que sei. Não ensinam só os livros. Na lição dos novos, a vivacidade e o brilho raramente suprem o saber e a experiência, que, só com os anos se alcançam.

Por ser assim, mercê de Deus, quando morre uma pessoa de idade muito da minha convivência, sinto que me faz falta e que a sua voz, tanta vez ouvida atentamente, ainda chama por mim... Falam também por esta forma os mortos, dentro de nós.

Sucedeu-me isto, mais uma vez, com o falecimento de D. Joana Sarmiento Calinho de Azevedo, senhora muito conhecida e considerada no Norte pelo seu nome, pela sua distinção, pelas suas virtudes e pelas suas benemerências.

Provinha duma família de Trás-os-Montes, que à nobreza do sangue juntou a nobreza de altas patentes militares, desde que este país começou a ter um exército regular.

Seu pai, João Sarmiento, foi o coronel mais novo do seu tempo, porque numa revolução que triunfara no Porto, com um tio seu à frente, o brilhante e irrequieto Saldanha, a-pesar-de saber que ele tinha apenas dezassete anos de idade, houve por bem promovê-lo a sargento e logo depois a alferes para um regimento de Bragança.

Concluiu os estudos a seu tempo. Até se conta que o marechal, numa revista, notando-lhe o garbo excessivamente juvenil, disse para alguém do seu estado maior: — eu sempre faço coisas!...

Aspirante da marinha real e depois oficial miliciano foi também o único filho varão da sr.ª D. Joana Sarmiento, o inolvidável António Carlos, que serviu nobremente como quem era, a causa monárquica e veio a morrer na flor dos anos, depois de ter conquistado uma situação invejável entre os engenheiros da C. P.. Foi o grande amor e a grande saudade da mãe, tão enternecida e estremosa que nunca mais falou nele sem ter os olhos rasos de lágrimas, como se estivesse a vê-lo morto dentro do seu coração.

Muito devota de Nossa Senhora da Fátima, a sr.ª D. Joana ainda lá foi, com os seus oitenta e dois anos, na última peregrinação de Maio, ungiu a sua fé e rezar pelas suas filhas. Se foi também pressentimento de que a morte vinha perto, nenhum outro adeus à Virgem devia ser então mais irreprimível, sentido e comovido. O terço que me trouxe de lá, como lembrança, fala-me ainda da esperança com que partiu e da íntima e reconfortante satisfação com que voltou.

Com uma figura muito fina, acentuadamente patriciã, primorosamente educada, muito generosa, sempre igual a si mesma, a sr.ª D. Joana Sarmiento via-se sempre rodeada de atenções e de respeito. Era realmente, dentro e fora da sua casa, uma senhora. Atraída e dominava. Até a sua conversação espontânea e desafectada interessava e prendia muito pelas pessoas e coisas que discretamente lembrava. Tinha observado com inteligência e bom senso.

Era menina e moça, quando Tomás Ribeiro, de volta da Índia e da publicação do *Dom Jayme*, foi go-

O culto de Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

NO BRASIL

Duma carta do sr. Manuel Alves, secretário da Confraria de N.ª S.ª do Rosário da Fátima, de Sumaré, extractamos as seguintes notícias.

Seja louvado N. S. Jesus Cristo «Mais uma vez venho, relatar-vos um pouco do movimento da devoção à S.ª Virgem da Fátima em São Paulo e do grande desenvolvimento por que está passando o nosso Santuário.

A capela-mor já se encontra coberta, os muros laterais estão à altura do telhado, as torres de 45m cada uma já surgem à altura de alguns metros.

Com o auxílio de Deus e sua Mãe Santíssima, esperamos que, em 1940 possamos abrigar os milhares de devotos que procuram neste lugar, implorar as graças de Maria Santíssima.

Em 13 de Maio p. p., houve grandes festas, o movimento foi desusado, desde as 6 horas da manhã até altas horas da noite, a capela esteve sempre cheia de devotos. A missa das 9h 1/2 foi solene, sendo executada uma missa oferecida a N. S. da Fátima, pelo Director da Escola Normal desta capital, o qual com 150 alunas, a fez executar com geral agrado de todos quantos a ouviram. Pela tarde, como de costume, teve lugar a procissão das velas a qual foi muito concorrida.

Dia 14, domingo, teve lugar a bênção da nova estátua, sendo precedida de solene procissão, a qual percorreu 3k. em carro ricamente adornado com flores naturais. Milhares de devotos acorreram ao acto cheios de fé e entusiasmo. Tivemos a presença do Ex.º Sr. Côsul de Portugal nesta cidade e representantes das autoridades.

Todas as Associações Portuguesas, se fizeram representar. No momento da entrada, no novo Santuário, copiosa chuva veio empanar um pouco o brilho do acto solene da bênção, a qual foi dada no recinto do novo Santuário.

vernar o distrito de Bragança, num singular ambiente de simpatias, admirações e louvores. A política brava dos contrários sentiu-se pela primeira vez confusa e desconcertada. Esperava um regedor, e surge-lhe pela frente um grande artista.

Nas festas de sociedade, Tomás Ribeiro tinha para cada senhora um cumprimento gentil e gracioso, ia quasi a dizer um madrigal, e sempre muito a pedido, com o seu ar inspirado, como se dizia então, recitava maravilhosamente os seus versos. Na Festa de caridade dizia a sr.ª D. Joana, tinha-se a impressão de que, num determinado momento, entrava um Bispo na sala, majestoso e paternal, com o coração todo nas mãos, a pedir para os seus pobres.

Além da figura escultural e do gesto sempre expressivo, a voz bem timbrada, cristalina e harmoniosa, irmã do sino de ouro de Goa, voz que herdou, adogada ainda, D. Branca de Gonta Colaço, radioso talento feminino — espontâneo, gentil e gracioso. A sr.ª D. Joana ficava, depois da festa, por muito tempo a ouvi-lo...

A sr.ª D. Joana Sarmiento conheceu também em Bragança Emídio Navarro, que, já bacharel formado em Direito, como toda a gente, escrevia numa gazeta da terra sueltos e artigos políticos, que deixavam transparecer claramente o espírito lucidíssimo e o pulso vigoroso do futuro director das *Novidades*. Depois de ler um desses artigos com orgulho e comovção, dizia-lhe o pai do moço jornalista, antes de começar a sua lição de música: — «D. Joanita, quem escreve um artigo assim há-de ser, num futuro próximo, ministro deste país.

Não se enganou. Lá diz Barrés que um filho realiza sempre na vida um pensamento profundo de seu pai. D. Joana Sarmiento foi, como de

Após o acto religioso, fêz-se ouvir o sr. dr. Falcão de Miranda, vice-côsul nesta cidade, o qual enalteceu as grandes maravilhas operadas no lugar sagrado das «Aparições». Pelas fotografias que acompanham, V. Ex.ª Rev.ª já verá o que é a nova estátua e o aumento do Santuário.

Porque é de toda a justiça, relembramos o nome do ilustre poeta e professor dr. Marques da Cruz como um dos mais entusiastas apóstolos do culto de Nossa Senhora da Fátima no Brasil, e do Santuário de Sumaré.

Numa carta dirigida ao Sr. Bispo de Leiria diz o Rev. P. Fonseca, S. J. professor da Universidade Gregoriana, de Roma.

«No Brasil vai-se difundindo largamente a devoção a N.ª Senhora da Fátima.

Nas minhas excursões tive vários convites para falar de N.ª Senhora da Fátima, e falei pelo menos 18 vezes em Seminários e Colégios. Oxalá que a boa semente frutifique, pois que na hora actual, como na outra grande guerra só Ela nos pode valer.

Em Nova Friburgo (Estado do Rio) houve bastantes que quiseram mandar os nomes para o Livro de Ouro.

Em S. Leopoldo (Est. do Rio Grande do Sul) fundou-se um Círculo sob a invocação de Nossa Senhora da Fátima a pedido duma menina vinda de S. Paulo».

Bibliografia da Fátima

Mais um livro sobre a Fátima. *Our Lady of Fatima* por Mgr. Ryan, O. P.

S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Dr. Ryan, arcebispo na América do Norte, arcebispo muito bem a Fátima onde tem vindo em peregrinação várias vezes e ultimamente tomou parte na de Outubro.

«The Universe» o primeiro jornal católico inglês diz que Fátima é «a alma de Portugal» e este novo livro há-de trazer muitos peregrinos a Lourdes lusitana.

costume, em Agosto, de visita às suas terras de Vimioso, Castro Vicente e Fornos do Pinhal, onde para todos era a senhora, a fidalga sempre bemvida, lá tão bem disposta, tão contente que até parecia ter ainda no fundo dos olhos alguma coisa do sol da juventude.

Foi a derradeira visita. Lá a surpreendeu a morte, infelizmente mais forte do que o amor das suas filhas, que a rodeavam sempre, de atenções e de carinhos. Nos desígnios misteriosos que sinalam a cada um de nós a sepultura parece ter acentuada preferência a terra do nosso berço...

Que a luz e a paz de Deus sejam com a alma profundamente cristã de D. Joana Sarmiento!

Correia Pinto

Tiragem da «Voz da Fátima» em Novembro

Algarve	5.466
Angra	20.136
Aveiro	6.337
Beja	3.496
Braga	85.469
Bragança	13.772
Coimbra	14.277
Évora	5.269
Funchal	15.647
Guarda	21.794
Lamego	12.546
Leiria	15.322
Lisboa	11.743
Portalegre	10.838
Porto	56.412
Vila Real	27.528
Viseu	9.985
	336.037
Estrangeiro	3.896
Diversos	15.421
	355.354

A galinha da minha vizinha...

Um telegrama para a humilde aldeia transmontana não era coisa de pouca monta e assim o entendia o boletineiro ocasional dos portos pagos no seu ar de importância ao bater à porta da sr.^a Maria Morgada. Quanto à destinatária, que veio em pessoa recebê-lo porque de morgada só tinha o sobrenome a contrastar com um viver solitário e comedido, assombrava a alvorçada vizinhança com gesto de soberana indiferença. E a porta fechava-se sem que o homem auferisse o copito de geropiga com que contava a pesar da sr.^a Maria Morgada ter fama de forreta.

— Aquilo que será, tia Zefa? Inquiriam duma das casas do lado para uma em frente. *Má nova, quem sabe?*

— Não... se calhar é dos tais parentes que estão há que séculos a anunciar que vêm cá passar umas festas...

— Ai que rico! exclama um garoto. A xóra Maria Morgada a fazer filhotes e a gente a trancar-lhe os «natais»...

— O melhor é fazer outro verso, alvitrou outro.

— Num xenhor, diz terceiro. Há-de ver o mesmo prá embegonhar diante dos parentes. E cantarão!

«Biba a xenhora Maria Morgada que tem xêu qué. Bai-lhe um cantar os «natais» E ela finge que num bê...»

O telegrama era de facto quasi esperado pela velhota que, entre o gosto de mostrar à aldeia que recebia visitas e o desgosto de entrar em despesas, se quedava no meio da casa sem saber por onde começar. Os viajantes chegariam no dia seguinte, véspera de Natal, à tarde. Era preciso tratar da consoada e de arranjar pelo menos uma boa galinha para o almoço ajantarado do dia de Natal.

Mas aqui é que batia o ponto. Na ansia de amealhar, vendera já para as festas o melhor da sua capoeira, de que se orgulhava, e mal parecia agora dar a perceber ao povo a sua imprevidência... ou ganância. E a sr.^a Maria Morgada, pondo o chafiz pela cabeça, enfiando os socos e tomando uma oitava de milho no avental, saiu ao quinteiro a ver que voltas havia de dar à sua vida. Era já lusco-fusco e a criação — frangos esgrouçados, galinhas mal restabelecidas do chôco e o velho galo — correram ao encontro da merenda que era a isca para meter tudo na capoeira.

— Cá está a guisosa! exclamou irada a sr.^a Maria ao descobrir no pequeno bando uma bela galinha pedrês, useira e vezeira em voar àquela hora do quintal vizinho para lhe vir ao milho.

La enxotá-la como de costume mas deteve-se.

— Que rica canja! pensou. E com que prazer eu te meteria a jaca às goelas! Anda... que mais dia menos dia é o que te acontece...

* * *

— Mãe... sempre é hoje a noite de Natal?

— A noite do Menino Jesus, mizinha?

— Pois é, meus filhos... E nós temos tanto que lhe pedir...

— E ele dá, pois dá, mizinha?

A resposta tardou um bocadinho. Deus não faltaria — ela tinha confiança — com o que fôsse melhor para a sua alma e as dos quatro inocentinhos que a cercavam. Mas como fazer-lhes compreender que o Menino Jesus lá teria as suas razões para lhes não trazer nenhum dos re-

galos que as crianças têm em geral naquela noite, sequer umas filhotes? Os mais velhinhos — 6 e 7 anos poderiam talvez já acompanhar com os garotos da aldeia a cantar os «natais» e a apanhar umas gulodices, mas ela era ainda a bem dizer estranha naquela terra onde se deixara ficar depois de ter vindo assistir à morte do marido que ali andava numas obras. E a pobre mulher olhava, silenciosa e triste, a consoada — pão centeio, umas lascas de bacalhau e uma cesta de pinhas — que, todavia, já fazia os pequenos lambem os beiços sobre os dentitos aguçados pelo apetite. Para mais a galinha — única que ela possuía — engordada e reservada com tanto cuidado e sacrifício para o jantar do dia de Natal tinha desaparecido...

— Vamos rezar, disse por fim. Nosso Senhor quer que lhe pegamos tudo aquilo de que carecemos. Ele depois dará o que entender.

E todos ajoelharam diante duma espécie de altarzinho armado sobre um banco onde uma pequena e tosca imagem do Menino operava já pelo menos um milagre: o de lhes inspirar devoção.

Estava o terço no fim quando umas pancadas na parede os fizeram estremeecer. Na aldeia corriam lendas de «médos» e «pantomas» mas a viúva discerniu imediatamente:

— É a vizinha... Se lhe deu por lá alguma coisa, coitada... Ficai aqui que eu vou lá num pronto. Cuidado! Tomai conta dos pequeninos...

E entregando-os a todos com um simples olhar ao Menino cuja imagem de barro parecia quasi bonita, agora que o lume tinha descaído, saiu e entrou na porta da casa contigua que a sr.^a Maria Morgada acabava de desferrolhar.

— Desculpe... vizinha, disse esta atirando-se para cima da cama. Tenho estado muito mal com a minha cótica e não tinha ânimo de ir lá fora...

— Coitadinha: Faça-lhe um cháizinho de ciáreira num instante e arranjo-lhe uma botija de água a ferver...

— Pois sim, sr.^a Glória... obrigada. Parece que já estou melhor só de ver aqui alguém... Só se veja quem só se deseja!

Glória dirigiu-se à cozinha mas, entre portas, estacou paralizada como se assistisse a uma daquelas cenas mágicas do célebre conto de Grimm «Põe-te, mesa!» Filhotes, rabinadas, frutas, bolos, vinhos, pão de trigo, nada ali faltava e em que abundância! Sobre a lareira, rescedente como se tivesse sido retirado do lume nessa ocasião, um caldeiro que não era preciso destapar para lhe saber o conteúdo: bacalhau com batatas e certamente aqueles magníficos olhos de couve que era também da praxe da consoada. E numa banca mais adiante, sob um velho bocado de cassa, avolumava-se, prontinha, para a panela ou a assadeira, uma soberba galinha que mais parecia uma peruca...

— Não acha as coisas, vizinha?... Na prateleira... ao fundo...

— Sim... sim... balbuciou a viúva dirigindo-se como sonâmbula ao lugar indicado.

— Sr.^a Glória...

— Vizinha...

— Os seus pequenos já estão deitados?

— Não, senhora...

— Olhe... depois há-de ir buscá-los... Estava à espera de visitas no combóio da tarde... não vieram... Está para aí tanta comida e eu só de pensar nela até me dá vômitos...

Mas uma hora depois, a sr.^a

Maria Morgada, refeita ou esquecida dos seus males, servia ela própria a vizinha e os filhos sentindo, quem sabe se pela primeira vez, a alegria de fazer bem. A paz da consciência, porém, só a recuperava quando, chamando a viúva de parte, lhe confessava a retenção e morte da galinha pedrês.

— Perdê-me, vizinha, e leve-a para o seu jantar de amanhã, disse com as lágrimas nos olhos.

— Pois sim, respondeu Glória abraçando-a, mas na condição de vir jantar connosco...

Nisto, um estropear na rua e uma voz que começava:

Biba a xenhora Maria...

— Depressa, vizinha, gritou a sr.^a Maria fingindo-se arrengada. Tape-me a boca a essa garotada com aquele prato de filhotes e dê-lhes dali umas mancheias de passas...

M. de F.

FALA UM MÉDICO

XLII

Perigos do Outono

Todos os anos, pelas vindimas, os jornais noticiam a morte desastrosa de pessoas que entram em cubas onde se fabricou vinho. A sua fermentação consiste na transformação do açúcar da uva em álcool, por intervenção de uma levedura minúscula. Tal operação faz desprender enorme quantidade de gás carbónico; os seres vivos têm necessidade de introduzir no seu organismo um elemento do ar, chamado oxigénio, substância que é incorporada no sangue, nos pulmões, quando respiramos.

Se o oxigénio é substituído por gás carbónico, torna-se o ar irrespirável e morreremos abafados, se não fugimos a tempo.

A luz de uma vela ou de uma candeia também é alimentada pelo oxigénio do ar; quando aquêle falta, a luz apaga-se, como pode verificar-se, colocando uma luz por cima dum lagar onde o vinho está a ferver.

Colocando uma vasilha com água de cal dentro do balseiro onde se fabricou vinho, dentro de alguns dias, o gás carbónico combina-se com a cal e já não será perigosa a entrada.

Quando um homem seja vítima daquele acidente, deve trazer-se imediatamente para o ar livre, despendendo-se-lhe as roupas e friccionando-o com álcool. É necessário chamar-se rapidamente um médico ou um enfermeiro, para lhe praticar a respiração artificial.

Logo que ele possa respirar e enguir deve dar-se-lhe a beber um cálice do vinho do Porto e uma xícara de café.

Outro acidente comum no Outono é o envenenamento pelos cogumelos. Quando caem as primeiras chuvas, os campos enchem-se de tortulhos, que brotam em tanta abundância como na Primavera as lindas flores.

Alguns tortulhos são comestíveis e realmente saborosos. Mas são muito difíceis de distinguir de tantos outros perigosíssimos. São tão venenosos a maior parte dos cogumelos e é tal o risco de os confundir com os bons, que o melhor é renunciar ao prazer de comer tortulhos e considerá-los a todos maus.

Se, por fatalidade, se comer um cogumelo venenoso, algumas horas depois, sentem-se dores de barriga, vômitos e grandes perturbações do aparelho digestivo.

Depois vêm dores de cabeça, vertigens e perturbações na vista.

Por último, o pulso desaparece, arrefecem os pés e as mãos, a pele enche-se de suor e a morte é quasi certa, em dois ou três dias.

Logo que se presume que um indivíduo comeu tortulhos venenosos, deve lavar o estômago, tomar um vomitivo e aplicar um clister.

Depois, manifestando-se sintomas nervosos, o melhor é levar o doente para o hospital, para tentar salvar-lhe a vida, o que é difícil.

P. L.

CRÓNICA FINANCEIRA A VOZ DO PAPA

A encíclica «Summi Pontificatus» fêz estrondoso sucesso em todo o mundo culto. A luminosidade com que resplandece nela a doutrina de Cristo é de tal modo empolgante que até os mais inveterados inimigos da Igreja se curvaram reverentes perante os ensinamentos de tão notável documento.

Seria vontade nossa fazer neste jornal um comentário a tão profunda e oportuna lição dada aos homens de boa vontade pelo amado Pontífice, felizmente reinante, mas a exiguidade do espaço de que dispomos não no-lhe permite fazer com largueza bastante para abranger todas as questões versadas na já famosa encíclica. Limitar-nos-emos, portanto, a uma só, escolhida quasi à sorte entre tantas que naquêl documento são versadas com inextinguível brilho e profunda sabedoria: a questão dos poderes do Estado e suas limitações.

Em dois pontos da sua encíclica se ocupa o venerando Pontífice deste assunto. No primeiro, trata dos poderes do Estado a respeito dos indivíduos; no segundo trata dos poderes do Estado a respeito dos outros Estados. A ambos estes respeitos, os poderes do Estado têm limites.

Segundo a velha doutrina da Igreja (velha mas sempre nova, porque eterna), o Estado foi criado para servir o indivíduo. «A soberania civil, diz a encíclica, foi querida pelo Criador para que regulasse a vida social segundo as prescrições da sua ordem imutável nos seus princípios universais, tornasse mais fácil à pessoa humana, na ordem temporal, a consecução da perfeição física, intelectual e moral, e a auxiliasse a atingir o seu fim sobrenatural». O fim do Estado é o bem comum, mas este não pode ser aquilo que os governantes arbitrariamente queiram, nem tão pouco pode ter por norma a «prosperidade material da sociedade, mas sim o desenvolvimento harmónico e a perfeição natural do homem eo

qual a sociedade é destinada».

O Estado é, portanto, um meio que tem por fim ajudar o indivíduo, o homem, a atingir a sua perfeição natural e desenvolvimento harmónico e o seu fim sobrenatural. Para atingir tais fins, a prosperidade material não basta e portanto esta não pode servir originariamente de norma do bem comum. Se, para obter certa prosperidade material, fôr preciso sacrificar o desenvolvimento harmónico e a perfeição natural dos indivíduos, ou o seu fim sobrenatural, o bem comum exige que se renuncie a essa prosperidade funesta e desumana.

Os direitos da pessoa humana limitam naturalmente os poderes do Estado e por isso, diz a encíclica, **considerar o Estado como um fim ao qual todas as coisas devem estar subordinadas e dirigidas, não poderia senão ser nocivo à verdadeira e duradoura prosperidade das nações».**

É a condenação clara do totalitarismo.

A onnipotência do Estado é contrária aos direitos da pessoa humana e atentatória da sua própria dignidade, perturbadora da sua natural perfeição e harmónico desenvolvimento. Mas não menos funesta é a mesma doutrina nas relações internacionais. O Estado que se julga ilimitado nos seus direitos, é logicamente levado a usar da sua força, se a tem, para atacar e destruir os Estados mais fracos. O totalitarismo, se triunfasse, transformaria o mundo num caos sangrento. Transformaria, não. Bastou que triunfasse numa nação, para que a guerra começasse. Os frutos do totalitarismo estão à vista com toda a sua crueldade. E porque os males presentes se somam sem reboço em tão bárbara e estúpida doutrina, é que a voz augusta do Summo Pontífice foi ouvida por todo o mundo com comovido respeito e aplaudida com clamorosos aplausos.

Pacheco de Amorim

Glória às mãis cristãs

DEZ POR UM

Débil e fraca como uma luz que vacila e se apaga, uma alma estava a deixar o corpo que animara neste mundo, durante sessenta anos.

E, mistério dessa última hora, essa alma estava suspensa entre este mundo e o outro... Mas, ainda que já desligada desta vida, lançava para o céu uma súplica muda: «O descanso, Senhor, o repouso!»

O Senhor, dignando-se abalxar-se sobre esta alma, falou-lhe assim:

— «Mas que descanso te parece que tens direito a reclamar, tu que foste uma feliz entre as mulheres? Desde criança te prodigalizei os meus dons (beleza, riquezas, afeições).

Devo-te eu um repouso eterno por esses anos de paz e de felicidade no seio de uma família cristã que te acarinhou e te preservou de todo o perigo?»

— É verdade, Senhor, mas ofendi-Vos eu alguma vez gravemente?

— Sim, mas se nada fizeste contra mim, que é que tens feito para minha glória?

Confiei a tua esplêndida juventude, a um espôso que te amou, sustentou e te tirou do caminho todos os espinhos...

— Mas eu fui fiel.

— Onde é que está o teu merecimento?

Quantas mulheres cujo porte leviano tu censuras se teriam conservado puras se tivessem conhecido a felicidade de um lar como o teu!

— Eu dava esmolos...

— Sim, do que te sobejava e tiveste já a recompensa nas bênçãos dos desgraçados.

— Cuidai dos doentes... — E não te concedeu a minha bondade um coração compassivo?

Serva honesta, tu empregavas bem os bens que te dispensei, mas trataste de os aumen-

tar?

Mostra-me os teus tesouros ó alma despojada e medrosa!

Vibrando a este desafio do Senhor, a alma procurou defender-se:

— «Os meus tesouros, Senhor, os meus tesouros, Senhor, estão aqui: são os meus filhos...

São dez e, por eles, dei a melhor seiva desse corpo e as mais vivas dores. Por eles o meu coração cresceu, o meu pensamento se elevou, a minha oração foi mais fervorosa.

Por eles e para eles, eu me tornei melhor e adquiri virtudes de dedicação e de abnegação que, sem eles, eu teria sempre desconhecido.

Não me esforcei eu para tornar os meus filhos varonilmente cristãos e as minhas filhas boas e santas?

E agora, deixando a terra, eu renasço e ressuscito em cada um dos meus filhos.

Poderia eu fazer mais, Senhor?

Vós destes-me uma alma e eu entreguei-Vos dez. Destes-me um coração e eu vo-lo entrego duplicado, para vossa glória.

Quando eu estiver a adorar-Vos lá em cima, aqui ficarão dez almas a servir-Vos.

— Vem, diz, vencido, o Senhor.

Esta alma tomou o seu vôo para o céu.

Fôra uma mãe às direitas...

Este número foi visado pela Censura